

POEMAS

O amor que se colheu

De Jorge Lúcio de Campos

Teu rosto:
um quarto de lua
no espaldar da cama.
Teu tempo hesitante,
e meigo como um
braço esquerdo
enamorado.

Estás no fundo ocre
de tua ideia vaga de
tuas pernas bambas.

Não há mais ruídos.
As bocas pararam de roncar.
Os lábios ruíram.
Apenas o sol tenta
dormir com os olhos
de um velho corpo.

Enquanto isso, aviões
narram a história
do mundo.

Tarde adentro

Procurei-te tarde adentro
e não encontrei. Tuas meias
saíram para passear e teus
caracóis se esconderam
tão logo me viram.

Não havia som nas
escadas e o porão
descansava os olhos
com um ar divertido e
brincalhão.

Também não estavas
no cachimbo sobre a mesa.
No forninho só havia
nuvenzinhas brancas.

Eu, manequim

Meus restos estão no canto:
meus cabelos pujantes, amendoados,
minhas galochas dançando
nuas, assoalho adentro.

Meus restos estão no canto,
como nunca estiveram.

Meus órgãos genitais são
devaneios gráficos.

Meus restos estão no canto.
Meu falo fumegante, fetichista
empurrei-o em algum ânus
na esperança de contê-lo.

Meus restos estão no canto.
Uma trela cheia de pelos
esculpe minha carne
e a enche de medo.

Meus restos estão no canto,
como um ovo cozido,
uma coruja vesga
deflorada em luz.

Meus restos estão no canto:

meus amores trepados,
a beleza pura de um urinol
que espia a cena.

Meus restos estão no canto
e eu não sei o que fazer.
Não antes disso.
Não antes do poema.

O quadro da noite

Vi a noite empoleirada
num galho e tudo estava
em paz.

O pântano sorria
ao redor dela.
As estrelas a erguiam
nos braços.

Seus dedos de verniz
escorriam pela
casca do tronco
de uma árvore

e batizavam a terra.

Algum mistério

Temos opiniões diversas quanto a tudo,
páginas fechadas em nossas cabeças.

Quimeras e opalas são palavras gastas.
Algo que escapa e espalha mentiras.
Tiramos dos dentes monstros de luz.
Calamos o auge do belo que cura.

Como explicar a fuga dos cavalos?
O rei louco geométrico, o voo dos colibris
em nossos cabelos? O vapor de nossas mãos?

O melhor a fazer é calarmos,
escoarmos tristes rumo às terras baixas
que fazem de nós
o que não somos.

Jorge Lucio de Campos (RJ). É poeta, ensaísta e professor associado da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ESDI/UERJ). Publicou, entre outras, as coletâneas *A dor da linguagem*, *A maneira negra* e *Prática do azul*. E-mails: jluciocampos@globocom.com e jorgeluciocampos@gmail.com